

INSTRUÇÕES

- *Leia com atenção as questões antes de responder.*
- *É proibido o uso de corretivo*
- *Coloque seu nome completo*
- *A prova deve ser feita à caneta*
- *A leitura e interpretação das questões fazem parte da sua avaliação*
- *Escreva corretamente com ordem e capricho*

...para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, e sim no poder de Deus. 1Co2. 5

A fé na era do ceticismo

Ceticismo: Falta de fé, descrença, incredulidade, dúvida. Doutrina segundo a qual o espírito humano não pode atingir nenhuma certeza a respeito da verdade, o que resulta em procedimento intelectual de dúvida permanente e na abdicação, por inata incapacidade, de uma compreensão metafísica, religiosa ou absoluta do real.

Fé e ceticismo encontram-se em ascensão no mundo de hoje. O ceticismo, o medo e o ódio em relação à religião tradicional adquirem cada vez mais poder e influência. No entanto, ao mesmo tempo, a fé robusta e ortodoxa das religiões tradicionais também tem aumentado consideravelmente. Cresce o número de americanos e europeus que respondem a "nenhuma preferência religiosa" nos questionários, tendo esse número dobrado ou triplicado na última década. Um século atrás, a maioria das universidades americanas trocou uma orientação formalmente cristã por outra, obviamente secular. Em consequência, os indivíduos com crenças religiosas tradicionais têm pouca influência em qualquer das instituições culturalmente poderosas.

A despeito da secularidade vigente na maioria das escolas e universidades, a fé religiosa cresce em alguns centros acadêmicos. Estima-se que entre 10% e 25 % de todos os professores de filosofia nos Estados Unidos sejam cristãos ortodoxos, ao passo que essa porcentagem ficava abaixo de 1% apenas trinta anos atrás.

Resumindo, o mundo está polarizado no que diz respeito à religião, tornando-se, ao mesmo tempo, mais e menos religioso. No passado já se acreditou piamente que os países europeus secularizados atuassem como precursores para o resto do mundo. A religião supunha-se, veria suas formas mais robustas e sobrenaturalistas declinarem ou desaparecerem por completo. No entanto, a teoria de que o avanço tecnológico acarreta inevitavelmente a secularização está agora sendo questionada ou

radicalmente revista. Até mesmo a Europa talvez não venha a encarar um futuro secular, em face do modesto crescimento do cristianismo e do boom do islamismo.

Para Timothy Keller, há três barreiras diante das quais a fé precisa mostrar-se vital e transformadora:

A **primeira é intelectual**. Muitas perguntas difíceis surgem a respeito do cristianismo: “E as outras religiões? Como ficam o mal e o sofrimento? Como um Deus de amor pode julgar e punir? Por que acreditar em alguma coisa?”

A **segunda barreira** é interior, pessoal. Na infância, a credibilidade da fé pode se apoiar na autoridade de terceiros, mas quando atingimos a idade adulta surge também a necessidade de uma experiência em primeira mão.

A **terceira barreira** é social. Há a necessidade de encontrar um grupo de pessoas que professam a fé que preocupam com justiça no mundo, mas que a fundamenta na natureza de Deus em lugar de baseá-la em sentimentos subjetivos.

Chegamos a um momento cultural em que tanto os céticos quanto os que professam a fé sentem sua existência ameaçada, porque tanto o ceticismo secular quanto a fé religiosa estão passando por um crescimento importante e poderoso. Hoje não vemos nem o cristianismo ocidental do passado nem a sociedade secular sem religião que havia sido prevista para o futuro.

Uma cultura dividida

Três gerações atrás, para a maioria dos indivíduos, a fé religiosa era uma questão de herança, não de escolha. A grande maioria pertencia a uma das igrejas protestantes clássicas, históricas, ou à igreja católica romana. Hoje, porém, as igrejas protestantes rotuladas como a “da velha escola”, aquelas de uma fé culturalmente herdada, estão envelhecendo e rapidamente perdendo fiéis. As pessoas vêm optando por uma vida não religiosa, por uma espiritualidade não institucional. Assim, paradoxalmente, a população vai ficando, ao mesmo tempo mais religiosa e menos religiosa.

Como tanto a fé e a dúvida estão em alta, o nosso discurso político e público sobre questões de fé e moral transformou-se em um impasse e ficou profundamente dividido. As guerras culturais estão cobrando seu preço. As emoções e a retórica são intensas, até mesmo históricas. Os que creem em Deus e no cristianismo pretendem “impor suas crenças sobre o restante de nós” e atrasar o relógio para uma época menos esclarecida. Os que não creem são “inimigos da verdade” e “agentes do relativismo e da permissividade”. **Não argumentamos com o outro lado usando a lógica, apenas acusamos.**

Qual o maior problema das pessoas em relação ao cristianismo? E EXCLUSIVIDADE. Essa foi a resposta dada pela maioria dos entrevistados numa pesquisa feita recentemente em Nova Iorque. Explico. Acredita-se que um dos principais empecilhos à paz mundial seja a religião, em especial as grandes religiões tradicionais com suas reivindicações exclusivas de superioridade. Concordo com esse posicionamento pelos motivos que exponho a seguir. A religião costuma criar um terreno escorregadio no coração. Cada religião garante a seus seguidores que eles detêm a “verdade”, o que, naturalmente, leva a uma sensação de superioridade em relação aos adeptos de outras crenças.

Da mesma forma, uma religião diz a seus seguidores que estes serão salvos e desfrutarão de uma ligação com Deus se aderirem com devoção a tal verdade. Isso os incita a se afastar daqueles que levam uma vida menos pura e consagrada. Assim, é fácil para um grupo religioso criar estereótipos e caricaturas dos demais. Uma vez criada, essa situação pode facilmente acabar conduzindo à marginalização de outros indivíduos ou até mesmo à opressão, ao abuso ou violência contra estes.

Ao admitir como a religião é capaz de minar a paz na terra, o que pode ser feito? Três abordagens vêm sendo usadas pelos líderes civis e culturais do mundo para lidar com o elemento desagregador da religião: torna-la ilegal, condená-la ou, no mínimo, privatizá-la radicalmente. Muitos nutrem grande esperança de que tais abordagens venham a dar certo. Infelizmente não é possível acreditar em nenhuma delas.

1. **Tornar a religião ilegal** – uma maneira de lidar com o elemento desagregador da religião é controlá-la ou mesmo proibi-la com pulso forte. Houve no século 20, várias tentativas nesse sentido. A Rússia soviética, a China comunista, a Alemanha nazista, se dispuseram a controlar rigidamente a prática religiosa na tentativa de impedir que ela dividisse a sociedade ou minasse o poder do estado. O resultado, porém, não foi mais harmonia, e, sim, mais opressão. A ironia trágica dessa situação é apresentada por Alister McGrath em sua história do ateísmo:

O século 20 deu ensejos a um dos maiores e mais incômodos paradoxos da história humana: os maiores atos de intolerância e violência desse século foram praticados pelos que acreditavam que a religião gerava intolerância e violência.

De mãos dadas com essas tentativas caminhava a crença disseminada no século 19 e início do século 20 de que a religião encolheria e morreria quando a raça humana se tornasse mais avançada tecnologicamente.

A onda crescente de best-sellers antireligião de RICHARD DAWKINS, SAM HARRIS, DANIEL DENNETT E CHRISTOPHER RICHENS, não recomenda que se proíba a religião, unicamente porque os autores não acreditam que tal estratégia funcione. A maior esperança deles é que a religião seja condenada com veemência, ridicularizada e formalmente particularizada, de modo que acabe se enfraquecendo e ficando marginalizada.

Não ocorreu essa secularização. Todas as religiões tem crescido. O crescimento do cristianismo, sobretudo no mundo em desenvolvimento, foi explosivo. Hoje existem na Nigéria mais anglicanos do que nos Estados Unidos. Existem mais presbiterianos em Gana do que nos Estados Unidos e na Escócia juntos. Na Coreia, a porcentagem de cristãos pulou para 50% em cem anos, os especialistas acreditam que o mesmo se dará com a China. Se houver meio bilhão de chineses cristãos daqui a cinquenta anos, o curso da história humana será alterado.

Na maioria dos casos, o cristianismo que vem crescendo não é o das versões mais secularizadas, de crenças mais flexíveis, previstos pelos sociólogos. Ao contrário, trata-se de uma robusta fé sobrenaturalista, que crê em milagres, na autoridade das Escrituras e na conversão do indivíduo. Dada a vitalidade da fé religiosa no mundo, as tentativas para suprimi-la ou controlá-la costumam apenas fortalece-la.

A religião não é algo passageiro que auxiliou nossa adaptação ao meio ambiente, mas um aspecto permanente e central da condição humana. Essa é a pílula amarga a ser engolida por indivíduos secularizados e não religiosos.

2. **Condenar a religião** – a religião não desaparecerá e seu poder não será reduzido por meio do controle do governo, mas será que não poderíamos – por meio da educação e do debate – descobrir caminhos para desestimular socialmente as religiões que reivindicam deter a “verdade” e que tentam fazer convertidos? Será que não poderíamos encontrar formas para convencer todos os cidadãos, quaisquer que sejam suas crenças, a admitir que cada religião ou fé é apenas um dos muitos caminhos igualmente válidos para chegar a Deus e uma das muitas maneiras de viver neste mundo?

Essa abordagem cria um ambiente na qual a reivindicação de exclusividade religiosa, mesmo em conversas, é ofensiva e sinal de ignorância. Isso se deve ao uso reiterado de determinados axiomas que acabam adquirindo o status de senso comum. Ao contrário da primeira estratégia, essa abordagem tem surtido efeito. Entretanto, não logrará êxito no final, pois em seu âmago existe uma incoerência fatal, talvez mesmo uma hipocrisia, que acabará levando ao colapso de todo raciocínio. Veja a seguir a lista desses axiomas e problemas inerentes a cada um:

➤ **“Todas as religiões são igualmente válidas e ensinam basicamente o mesmo”.**

Quase todo mundo que defende a semelhança das religiões tem em mente as grandes, não as seitas dissidentes. O budismo não crê absolutamente em Deus. O judaísmo, o cristianismo e o islamismo acreditam em um Deus que responsabiliza os seres humanos por suas crenças e práticas e cujos atributos não podem se resumir todos a amor.

➤ **“Cada religião enxerga uma parte da verdade espiritual, mas nenhuma delas é capaz de enxergar a verdade integral”.**

Como saber que nenhuma religião consegue enxergar a verdade integral, a menos que você mesmo tenha o conhecimento superior, abrangente, da realidade espiritual que afirma faltar a todas as religiões?

➤ **“Culturalmente e historicamente, a crença religiosa está condicionada demais a ser a verdade”.**

Gostamos de pensar que pensamos por nós mesmos, mas não é tão simples assim. Pensamos como aqueles que mais admiramos e dos quais precisamos. Todos pertencem a uma comunidade que reforça a credibilidade de algumas crenças e desincentiva outras. Precisamos encarar a difícil tarefa de indagar: que afirmativas a respeito de Deus, da natureza humana e da realidade espiritual são verdadeiras e quais são falsas? Precisamos basear nossa vida em alguma resposta a essa pergunta.

➤ **“Insistir que sua religião é correta e tentar converter a outros é uma postura arrogante”.**

Mais uma vez se observa a contradição inerente. A maioria dos indivíduos não pensa que todas as religiões sejam igualmente válidas. Muitos afirmam ser etnocêntrico reivindicar que a religião que seguimos é superior às demais. A maioria das culturas ocidentais não encara como problemático defender a superioridade de sua cultura ou religião. O historiador C. John Sommerville observou que “uma religião só pode ser julgada à partir da perspectiva de outra”. Não se pode avaliar uma religião salvo com base em algum critério ético que, no final, consiste em sua própria perspectiva religiosa.

3. Manter a religião no âmbito totalmente pessoal

Outra abordagem do elemento desagregador da religião é permitir que os indivíduos criem de forma privativa que sua fé seja verdadeira e possam “evangelizar”, mas manter fora da esfera pública as crenças religiosas. Pensadores influentes sustentam que em debates públicos e políticos não devemos defender uma postura moral, a menos que ela tenha um fundamento laico, não religioso. **As posturas baseadas na religião são vistas como sectárias e polêmicas, ao passo que o raciocínio laico aplicado a posturas morais é encarado como universal e acessível a todos. Assim, o discurso precisa ser laico, jamais religioso.** Segundo Stephen Carter, é impossível deixar de lado as noções religiosas quando embarcamos em qualquer raciocínio moral. No sentido mais amplo, a fé, em alguma visão do mundo e da natureza humana está presente na vida de todos. Todo mundo vive e age de acordo com uma identidade narrativa, quer seja elaborada e objeto de reflexão, quer não. Quem permite ou proíbe alguma coisa, o faz à partir de uma postura moral e religiosa implícita.

O cristianismo pode salvar o mundo

O cristianismo possui em si mesmo poder notável de expurgar as tendências às divisões presentes no coração humano. O cristianismo fornece uma base firme para o respeito aos indivíduos que professam outras religiões. Jesus parte do princípio de que os incrédulos na cultura à sua volta terão boa vontade para admitir que o comportamento cristão é “bom” (Mt5.16 – 1Pe2.12). Isso pressupõe algumas zonas de coincidência entre a constelação cristã de valores e os valores de qualquer cultura específica e de qualquer religião. Qual é a razão dessas zonas de coincidência?

- a. Os cristãos acreditam que todos os seres humanos são criados à semelhança de Deus e com potencial de bondade e sabedoria.
- b. A doutrina bíblica da imagem universal de Deus, assim, leva os cristãos a ter esperança de que os incrédulos possam ser melhores que qualquer coisa que suas crenças equivocadas os tenham levado a ser.
- c. A doutrina bíblica do pecado universal também leva os cristãos a ter a consciência de que os crentes, na prática, podem ser piores que qualquer coisa que suas crenças ortodoxas poderiam leva-los a ser. Dessa forma, existe um vasto terreno para cooperação respeitosa.
- d. O cristianismo não só leva seus adeptos a acreditar que os indivíduos de outras religiões possuam bondade e sabedoria para oferecer, como também a esperar que muitos levem uma vida moralmente superior à vida de muitos cristãos.
- e. A maioria das pessoas em nossa cultura acredita que, se existe um Deus, podemos nos relacionar com ele e ir para o céu desde que levemos uma vida correta. Chamamos isso de “visão do aperfeiçoamento moral”. O cristianismo ensina exatamente o contrário. No entendimento cristão, Jesus não nos diz como viver de modo que mereçamos a salvação. A graça de Deus não é dada aos que superam moralmente seus semelhantes, mas aos que admitem o próprio fracasso e reconhecem a necessidade de um salvador.

O cristão não é aceito por Deus por seu desempenho moral, sua sabedoria ou virtude, mas em virtude da obra de Cristo realizada em favor deles. A maioria das religiões e filosofias de vida supõe que a condição espiritual da pessoa depende de suas realizações religiosas. Isso leva naturalmente seus adeptos a se sentirem superiores àqueles que não creem e nem se comportam como eles. O evangelho não deveria provocar tal efeito.

Um dos paradoxos da História é a relação entre as crenças e práticas dos primeiros cristãos em comparação com as crenças e práticas que os cercava.

As posturas religiosas do mundo greco-romano eram abertas e aparentemente tolerantes – todos tinham seu próprio deus. As práticas da cultura, porém, eram bastante cruéis. No mundo greco-romano havia uma distância muito grande entre os ricos e pobres. Os cristãos, ao contrário, insistiam na existência de um único Deus verdadeiro, Jesus Cristo Salvador, morto por nós.

Suas vidas e práticas, contudo, eram incrivelmente receptivas com relação a indivíduos marginalizados pela cultura vigente. Entre os primeiros cristãos havia gente de diferentes classes sociais e raças, o que parecia escandaloso para os que os cercavam. Na sociedade em geral, as mulheres desfrutavam de uma condição bem inferior, sujeitas a altos índices de infanticídio de meninas, casamentos impostos e carência de igualdade econômica. O cristianismo proveu as mulheres de uma segurança e uma igualdade muito maior que as existentes até então no mundo antigo clássico.

Durante as terríveis pestes urbanas dos dois primeiros séculos, os cristãos cuidavam de todos os doentes e moribundos das cidades, com frequência pagando com a própria vida.

Por que um sistema de fé tão exclusivista levaria a um comportamento tão receptivo em relação aos demais indivíduos? Porque um sistema de fé cristã possuía em seu âmago o recurso mais forte possível para estimular a prática do sacrifício, da generosidade e da conciliação.

*Fonte: TIMOTHY KELLER – A FÉ NA ERA DO Ceticismo; COMO A RAZÃO EXPLICA DEUS
ED. VIDA NOVA / 2015*